

## Ó abre alas, a arte vai passar

Por Gislaine Buosi

É inegável: a arte ultrapassa quaisquer tentativas de embargo. Isso porque, antes da paleta de cores e da pedra-sabão, a ousadia sempre foi – e deve ser – instrumento ilimitado a serviço não apenas da arte, como também do protesto. Da Antiguidade Clássica, a *Vênus de Milo*; do Renascimento italiano, *Davi*; do Barroco, também italiano, *O Êxtase de Santa Teresa*; do Realismo francês, *A origem do mundo*; do Cubismo espanhol, *Les Demoiselles d'Avignon* – só para citarmos algumas obras de arte que causaram perplexidade enquanto a tinta ainda estava fresca, e a massa ainda mole. O que tais obras têm em comum? Resposta óbvia: o enfrentamento às posturas obsoletas, por meio da exploração da sexualidade reprimida por entre os panos.

No Brasil do século 21, a *Mostra Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira*, evento que aconteceu na capital gaúcha em agosto de 2017, foi cancelada por força de manifestações lideradas pelo Movimento Brasil Livre. A Mostra, apesar de acontecer em recinto fechado, foi alvo de desmedida censura, sob o pretexto de apologia à pedofilia e à zoofilia, tipos penais em nada artísticos. Cabe aqui o contraponto: se o artista, como pretendem os opositores, desnudou a pedofilia e a zoofilia – cenas impudicas –, o que o Poder Público faz em favor das vítimas da pedofilia e da zoofilia? E o que faz em favor da mulher estuprada, do homossexual assassinado e do negro discriminado? Muito pouco, haja vista a ineficiência da Segurança Pública que grassa o país.

Outro aspecto que merece vir à tona: se a Mostra acontecesse nos Estados Unidos ou na Inglaterra, onde o público expectador tem significativa bagagem artístico-cultural, o escândalo daria espaço para a contemplação – a contemplação de corpos nus e de corpos bem vestidos, pecando ou persignando-se. Isso equivale a dizer que expectadores desavisados sentem-se agredidos com a crueza de *A origem do mundo*, mas não instigados com o enigma da *Mona Lisa*. Por amor ao debate, é preciso renovar conceitos, em especial àqueles que ainda acreditam que a arte seja apenas um vaso de flor no canto da sala.

A arte é, sem dúvida, ilimitada e excede os cadernos de leis, sobretudo a arte que se acomoda em recinto fechado, cujos portais transpõe quem assim o quiser. A exemplo do que aconteceu no Brasil, na primeira metade do século XX, propriamente na Semana de Arte Moderna, os 85 artistas que assinaram a *Mostra Queermuseu* sentem o gosto de dever cumprido – o dever de chocar o ideal burguês, arrimado em pilares empoeirados, o dever de jogar luz sobre o limbo do preconceito.